

## RESENHA

**BAUMAN, Zigmunt.** *Comunidade: a Busca por Segurança no Mundo Atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

*Maria Luiza Campos da Silva Valente<sup>1</sup>*

Professor emérito das Universidade de Leeds e de Varsóvia, Zygmunt Bauman é considerado um dos maiores sociólogos da atualidade. A frieza e a distância com que certos cientistas sociais costumam tratar os fenômenos sociais está longe de ser a marca deste polonês de origem hebraica; ao contrário, o mal estar humano está no centro de suas reflexões. Esta postura talvez seja o reflexo de sua biografia: em 1939, ele fugiu com a família para a Rússia, onde inscreveu-se num corpo voluntário de poloneses, para combater os nazistas.

Lançado em 2001, o ensaio "Comunidade - a Busca por Segurança no Mundo Atual"<sup>2</sup>, coloca o leitor diante dos impasses próprios da "modernidade líquida", termo cunhado pelo autor. Em tom sempre instigante, Bauman utiliza o conceito de Comunidade para compreender e vislumbrar o futuro das sociedades. Nas palavras do sociólogo, "não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade".

Para Bauman, o advento da informática, foi o golpe mortal na "naturalidade" do entendimento comunitário. "A partir do momento em que a informação passa a viajar independentemente de seus portadores, e numa velocidade muito além da capacidade dos meios mais avançados de transporte, a fronteira entre o "dentro" e o "fora" não pode mais ser estabelecida e muito menos mantida". (p.18-19).

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Serviço Social na PUC do Rio de Janeiro; assistente social do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro. [lvalente@ser.puc-rio.br](mailto:lvalente@ser.puc-rio.br)

<sup>2</sup> Traduzido de *Community: seeking safe in a insecure world*. Oxford: Polity Press; Blackwell Publishing Ltd., 2001.

Assim, a idéia de "identidade" vem substituir a idéia de comunidade, precisamente quando esta entra em colapso. Como a noção de identidade implica em ser diferente, singular, Bauman conclui que a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. "A vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os seus construtores a procurar cabides para, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos".(p.21).

A sociedade do individualismo exacerbado é uma sociedade de seres anônimos e infelizes. O estilo de vida extraterritorial da nova "elite global" celebra a irrelevância do lugar; "condição inteiramente fora do alcance das pessoas comuns, estreitamente presos ao chão e que, caso decidam soltar os grilhões vão encontrar funcionários da imigração pouco amigáveis e severos em lugar dos sorridentes recepcionistas dos hotéis". (p.54).

O novo "cosmopolitismo dos bem sucedidos", no dizer de Bauman, não precisa da comunidade; há pouco que possam ganhar com a rede de organizações comunitárias e muito a perder, se forem capturados por ela. A idéia de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou da importância que tenham, faz do comunitarismo, nesta perspectiva, "uma filosofia dos fracos".

Afinal, "os poderosos e bem sucedidos não podem dispensar com facilidade a visão meritocrática do mundo sem afetar seriamente o fundamento social do privilégio que tanto prezam e do qual não querem abrir mão". (p.57) Visão de mundo que é incompatível, segundo Bauman, com o princípio comunitário do compartilhamento.

No mundo maleável e informe da elite global dos negócios e da indústria cultural, não há lugar para realidades obstinadas e duras como a pobreza. Isso não significa que a "comunidade" esteja ausente do vocabulário desta elite, mas a idéia que ela encerra difere da "comunidade" dos despossuídos; em cada uma dessas linguagens, a noção de "comunidade" corresponde a experiências diferentes e a aspirações contrastantes.

A percepção da injustiça e das queixas que ela faz surgir, como tantas coisas nestes tempos de desengajamento, passou por um processo de individualização. "Supõe-se que os problemas sejam sofridos e

enfrentados solitariamente e são especialmente inadequados à agregação numa comunidade de interesses à procura de soluções coletivas para problemas individuais". (p.60).

Bauman avalia os efeitos da globalização sobre as pessoas, tornando-as cada vez mais anônimas e solitárias. E assim, desagregadas e isoladas, não oferecem resistência às investidas do poder. Nesses tempos de desvalorização das opiniões locais e do lento, mas constante desaparecimento dos "líderes locais de opinião", restam, segundo afirma o sociólogo, apenas duas autoridades capazes de conferir segurança aos juízos que pronunciam ou manifestam em suas ações: a autoridade dos expertos ou "peritos" e a autoridade do número.

Neste contexto, destacam-se dois desenvolvimentos, que Bauman relaciona diretamente: por um lado, o colapso das demandas coletivas por redistribuição, substituídas pelo critério do respeito à diferença, reduzida à distinção cultural; por outro lado, o crescimento selvagem da desigualdade. Segundo Bauman, "libertar as demandas por reconhecimento de seu conteúdo redistributivo permite que a crescente ansiedade individual e o medo gerados pela precariedade da vida na modernidade líquida sejam canalizados para fora da área política, bloqueando suas fontes sociais". (p.67).

O que os indivíduos provavelmente vêem na comunidade, segundo Bauman, é uma garantia de "certeza, segurança e proteção" - três qualidades que mais lhes fazem falta nos afazeres da vida e que não podem obter isolados e dependendo dos recursos escassos de que dispõem individualmente. Assim, a "comunidade ética", proposta por Bauman, "seria tecida de compromissos de longo prazo, do tipo compartilhamento fraterno, de direitos inalienáveis e obrigações inabaláveis, com perspectiva de futuro". (p.68).

Por fim, este ensaísta profícuo e brilhante alerta para a importância de rearticular as relações entre indivíduos e sociedade e entre as esferas privada e pública, visando a restaurar a vida social e política.